



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Cidadania: liberdade e subalternidade na ordem do capital<sup>1</sup>**

Do tráfico ao Piscinão de Ramos

Por Jairo da Costa Santiago – Doutorando ECO-UFRJ

### **RESUMO**

O presente trabalho procura investigar o papel do conceito de cidadania das classes subalternas das favelas do Rio de Janeiro, suas possibilidades e limites diante do processo de superexploração do capitalismo e da violência imposta pelo tráfico de drogas. Procurar-se-á analisar o papel de um discurso hegemônico da burguesia brasileira e a construção de um processo de segregação das classes subalternas do processo político decisório

2002

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## Primeiras Considerações

Ao olharmos para a cena contemporânea que denominamos pós-moderna<sup>2</sup>, parece que assistimos a uma complexa ordenação ou quem sabe desordem, onde as idéias parecem estar fora do lugar. O capitalismo em seu ápice, na sua fase globalizada, impõe um ritmo frenético onde as referências até então conhecidas parecem desmoronar. Algumas fronteiras não são suficientes para delimitar as formas a elas circunscritas.

Tempo e espaço se rendem à necessidade dos seres humanos em profunda competição por sobras de uma economia altamente concentrada. Crianças escrevem cartas para Papai Noel pedindo comida, violência, *nonsense*, torres explodindo, formas de religiosidade afloram em cada esquina, tudo indica que o mundo caminha para uma nova forma de se estar mundo.

Nesse contexto, os territórios não são mais espaços reduzidos a uma ilusão identitária. Olhar para o território não implica ver um conjunto de traços fixos e eternos que indicam as funções e o papel dos objetos que nos cercam. Os espaços são multifuncionais e se rendem à lógica do consumo.

Pode-se ir ao shopping center para fazer compras, praticar ginástica, jantar, assistir uma peça de teatro ou até mesmo assistir aula na universidade de sua escolha. Nesse último caso, a universidade deixou de ser um espaço com características próprias e únicas como de um templo. O espaço deixa de ser a única tradução de uma essência. Pelo contrário, as múltiplas essências recodificam o espaço. Emprestando-lhe uma nova inteligibilidade.

Assim, caminha nossa proposta de pensar a idéia de cidadania vivenciada pelos segmentos pobres das favelas do Rio de Janeiro e assim discutir até que ponto realmente existe cidadania nesses espaços espremidos pela ação do tráfico, pelo poder público e pela superexploração capitalista.

Partimos da idéia de que o conceito de cidadania esta profundamente ligado ao de liberdade e assim sendo até que ponto existe liberdade real para essas comunidades? Até que

---

<sup>2</sup> O conceito de Pós-Modernidade é alvo de profunda falta de consenso. Aconselho a leitura de alguns autores como Bauman, Lyotard



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ponto essas comunidades podem realmente se autodeterminar e usufruir de escolhas e possibilidades oferecidas na pós-modernidade.

Tentamos também apontar na direção de se discutir o projeto de modernização conservadora em curso no Brasil desde o início do século XX, cujo eixo fundamental é o de afastar as camadas pobres do centro político decisório, haja vista nesse sentido, ter o projeto republicano com a implantação de um sufrágio cada vez mais amplo implicado também em formas de segregação mais sofisticadas ao longo século. Destarte, uma questão assola a cabeça de nossas elites: O que fazer com as massas pobres, principalmente urbanas, cada vez mais alijadas de uma participação econômica e política e presentes de forma cada vez mais assustadora.



## 1.Liberdade – o sentido da cidadania

### 1.1. Os limites de uma idéia

Ao pensamos a idéia de cidadania, uma questão logo se apresenta se esta se refere às comunidades faveladas do Rio de Janeiro, onde imperam a desigualdade e a pobreza de forma perversa. Será que existe cidadania de fato nesses espaços segregados? Será que existe de fato cidadania sem liberdade real e efetiva? Será que as comunidades das favelas oprimidas pelo poder do tráfico sendo submetidas pelas investidas não planejadas da Polícia gozam de uma cidadania e são realmente livres?

Acreditamos que ser livre é condição *sine qua non* para a definição de uma cidadania completa e efetiva, onde liberdade ou ser livre implica *necessariamente a consciência de que se é livre. Podemos traduzir essa noção em termos comportamentais como uma “disposição” para avaliar possibilidades, investigar alternativas, pesar as considerações, escolher o que se vai fazer.*(BERMAN,2001,p.56). Em outras palavras, liberdade tem como definição escolher o que se vai fazer, podendo realmente fazer. Por uma lógica individualista burguesa, essa opressão sofrida pelas comunidades faveladas é no mínimo problemática, pois acredita-se que o homem sempre pode por um movimento individual resistir a opressão que lhe é imposta. Assim, a permanência na favela apesar da opressão, se sugeri como um forma conformista de se viver ou algum tipo de convivência com tudo que acontece em volta.

Mas a desigualdade de condições imposta a essas comunidades pobres restringe a capacidade de escolha. Uma história que me foi contada por um informante<sup>3</sup> é reveladora, pois trata de uma pai que tinha quatro filhas adolescentes residindo em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, quando em determinado dia ele recebeu um ultimato para que uma de suas filhas subisse para atender sexualmente o chefe do tráfico local, sem poder resistir ou reagir, cumpriu o ordenado, o fato se repetiu ainda por outras duas vezes. Assim de acordo

---

<sup>3</sup> o informante era policial e preferiu não dar seu nome



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

com a narrativa uma primeira pergunta logo se coloca: porque o mencionado pai não se mudou da favela levando suas filhas antevendo o pior ? Mas para onde ele se mudaria? Para outra favela talvez. Mas quando os recursos são negados estruturalmente a ação individual fica totalmente comprometida, ficando muito difícil julgar o que realmente deveria ou poderia ser feito .Histórias como essa se multiplicam nas favelas do Rio de Janeiro e traduzem os efeitos de uma estrutura capitalista imobilizadora, que enquanto lógica social de produção, tolhe de forma efetiva as ações individuais, principalmente quando se trata das camadas subalternas e empobrecidas.

Por outro lado, o Estado enquanto espaço de alocação de demandas das classes sociais em constante enfrentamento, responde com políticas que de alguma forma somente tentam diminuir a pressão dos pobres sobre os territórios nobres do asfalto, até então, hegemonicamente pertencentes aos ricos.

Desde o início do Brasil colonial as classes dominantes se empenharam em manter afastadas do centro decisório as camadas pobres das vilas e cidades, nada mudou durante o Império, sendo que a partir do século XX medidas mais concretas foram colocadas em prática e implicaram em um deslocamento real e brutal de comunidades pobres dos espaços asfaltados da cidades, surgindo como resultado direto dessas ações as favelas. Pois as populações alijadas, não tendo onde morar e não podendo ficar longe dos centros de trabalho optaram pela ocupação dos morros da cidade.

Assim, após as demolições do início do século XX, derrocadas de favelas da década de sessenta, arbitrariedades diversas verificou-se que o problema da ocupação do espaço urbano não caminhou na direção de soluções efetivas e concretas. Temos então, uma mudança no sentido das práticas governamentais que visam atender aos interesses dos centros de poder e que enxergam as favelas como mera *questão de polícia*. Ainda mais que diante do crescimento desordenado das favelas e da ineficiência dessa mesma polícia em conter o fluxo dessas comunidades em direção aos vários espaços nobres da cidade, resta tomar medidas que mesmo não impedindo os deslocamentos dessas massas, que pelo menos estimule ,em nome de uma lógica cosmética da alegria e do lazer, a permanência dessas em suas áreas de moradia.



Assim, é dentro de uma análise desse movimento de contenção e controle das massas urbanas que podemos pensar desde as demolições de Pereira Passos até o projeto do Favela bairro e o Piscinão de Ramos<sup>4</sup>. Ações que não caminham na direção de tornar real a possibilidade de cidadania, mas pelo contrário, em nome de possibilitar oportunidades de entretenimento e pseudo-cidadania denegam qualquer intervenção mais profunda que realmente crie caminhos para uma sociedade livre e que se autodetermine.

## 1.2 violência como tema

Hoje, a violência se tornou uma forte referência na cena contemporânea pós-moderna, mas se faz necessário distinguir que não é qualquer modalidade de violência que assusta e entra em debate na mídia mas sim uma violência muito específica e que atinge principalmente as cidades e especialmente a classe média. Esta vive atordoada em seus carros parados nos sinais, com as balas perdidas, com os seqüestro relâmpagos, as falsas blitzs e as guerras de traficantes próximo às janelas dos edifícios. Aliás como ocorreu recentemente no início de abril quando moradores da Rua São Miguel na Tijuca(bairro no município do Rio de Janeiro) ficaram acuados com uma guerra no Morro do Borel. Segundo uma moradora<sup>5</sup> podia se ouvir os tiros e a gritaria dos traficantes, foi *uma cena horrível*, declarou. Parecia que os traficantes podiam invadir o prédio a qualquer hora. Muniz Sodré ao estudar as várias modalidades violência no contexto contemporâneo classifica esse tipo de violência como anômica: *esta, cujos aspectos cada vez mais cruéis se fazem visíveis nas ruas, na mídia, e cujos índices crescentes engrossam as estatísticas oficiais de criminalidade(SODRÉ, M, pg.07,2001)* Um outro aspecto que deve ser considerado ao se estudar a violência no Rio de Janeiro é a relação espacial em que a mesma se traduz, onde a favela convive intimamente com os edifícios de luxo como é o caso da Rocinha, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro e da América Latina que convive lado a lado com São Conrado, um dos bairros de maior poder aquisitivo do Rio de Janeiro, sendo que os dois espaços são separados apenas

---

<sup>4</sup> Lago artificial da Zona Leopoldina do Rio de Janeiro, construído durante o do Governo Garotinho em 2001

<sup>5</sup> Conforme depoimento prestado por moradora ao autor do texto.



pela Auto Estrada Lagoa- Barra. Esta promiscuidade espacial faz com que os efeitos da violência sejam mais sentidos e visíveis na esfera midiática.

A violência em São Paulo, capital vizinha e separada por apenas cinco centenas de quilômetros, no entanto sempre aparecia como menor do que a do Rio de Janeiro. No entanto em São Paulo temos uma outra relação espacial, onde as áreas onde moram as populações mais pobres, que constituem verdadeiros bolsões de pobreza se situam para além do trilhos do metrô, na periferia. Assim, uma bala perdida dificilmente atingirá alguém que a mídia venha dar alguma importância, como ocorreu no Rio de Janeiro, quando uma bala perdida atingiu um ator da Globo<sup>6</sup> que dormia confortavelmente em sua cama em Copacabana.

Na periferia paulista todo tipo de violência atinge as camadas subalternas e nem por isso a mídia se importa realmente, exceção feita aos programas sensacionalistas como Cidade Alerta e outros semelhantes que exploram e espetacularizam a miséria e o destino das camadas pobres da cidade. Desta maneira, a mídia a partir de uma lógica que lhe é própria, que não será alvo desse artigo, seleciona os mortos que devem ser lamentados e chorados.

Um delegado da Polícia Civil carioca, hoje já aposentado, tinha o hábito de dizer aos seus comandados<sup>7</sup> em décadas passadas, que não gostava de trabalhar em Copacabana, que guardando a devida proporção equivalia a Barra da Tijuca de hoje, pois segundo o velho delegado: *um tapa na Zona Sul repercutia mais do que um homicídio na Baixada Fluminense*. Em outras palavras, ficava difícil *fazer polícia*<sup>8</sup> na Zona Sul onde moravam pessoas importantes e onde tudo ganhava um colorido muito mais grave, enquanto na Baixada Fluminense a Lei nunca chegava. Hoje, no entanto, temos a evidência de que a violência que sempre existiu nos limites da Baixada e áreas pobres da cidade, como no tempo do velho policial<sup>9</sup> ganhou o asfalto e as calçadas das áreas nobres da cidade, agora sim, preocupa.

---

<sup>6</sup> Importante emissora de televisão brasileira

<sup>7</sup> Conforme depoimento de um inspetor de Polícia que trabalhou em sua equipe

<sup>8</sup> expressão comum na polícia carioca para significar a atuação policial sem considerar necessariamente o rigor da lei.

<sup>9</sup> Década de setenta



### 1.3. Tráfico favela dominação e convivência

O tráfico cresce em todas as direções e desafia a Polícia e as instituições criando um poder paralelo na cidade contra o qual o Estado impotente acena com as já tão propaladas medidas emergenciais de curto prazo. Estas medidas, geralmente de caráter bélico, traduzem uma visão conservadora que se polariza e se sustenta em uma versão da eterna luta do bem contra o mal. O senso comum do asfalto aponta para o espaço da favela como reduto do mal, local onde os traficantes se escondem e saem para proliferar a guerra no mundo civilizado. Controlar a favela se faz necessário e presente em todas as políticas de segurança, seja lá qual for o matiz do partido que esteja no poder. Por essa lógica discursiva se faz necessário conjugar medidas eficazes e que respondam aos anseios de uma classe média cada vez mais temerosa e acuada, se faz necessário apresentar resultados imediatos impedindo que o governo seja apontado como fraco ou conivente com o crime. Assim, as intervenções bélicas nas favelas são constantes, principalmente após alguma guerra entre traficantes. Raras são as experiências que implicam em uma ação mais duradoura, no que diz respeito a uma intervenção policial preventiva.

As intervenções policiais mais prolongadas geralmente agradam a comunidade, pois ela se vê livre temporariamente da presença dos traficantes e das guerras que estes se vêm envolvidos contra quadrilhas rivais. Uma experiência nesse sentido foi relatada no livro Hélio Luz, um xerife de esquerda onde se narrou a ocupação policial da favela de Acari, que segundo o autor, trouxe muita tranquilidade ao local e que os moradores lamentaram a saída da Polícia Civil. Tal narrativa contradiz o senso comum de que existe uma oposição eterna entre as comunidades empobrecidas e a Polícia. O que realmente a comunidade não deseja são as invasões emergenciais e que visam apenas *apagar incêndios*, não desejam também incursões na favela com a conseqüente troca de tiros entre policiais e traficantes e com resultado letal para pessoas inocentes. Mas quando a ocupação é permanente, com grandes contingentes e que afastam os traficantes, a Polícia é bem vinda, pois se a Polícia já se encontra dentro da favela inexistente a figura da invasão. O policiamento em favelas que tem por



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

base o DPO<sup>10</sup> também não funciona pois a possibilidade de corrupção é imensa e os policiais ficam reféns de traficantes que encontram-se em maior número no interior da favela.

Assim, as comunidades pobres ficam espremidas entre os traficantes e as investidas irregulares da Polícia. Sendo então, a presença do Estado tão sem expressão resta às comunidades residentes em favelas o estatuto de relações ambíguas e complexas, onde os moradores silenciam, fazem alianças de não enfrentamento e em alguns momentos até admiram a ação ousada e heróica dos traficantes.

Os meios de comunicação oscilam em apontar uma certa convivência entre moradores das favelas e traficantes e ao mesmo tempo reconhecem que os traficantes tecem relações de poder inimagináveis quando se pensa, por exemplo, na lei do silêncio que paira sobre os moradores.

A tese da convivência ganha força principalmente por ocasião das investidas das comunidades faveladas no asfalto com a destruição de coletivos e carros particulares, investidas essas, geralmente associadas a qualquer investida da Polícia Militar que ocasione morte de morador inocente ou de um traficante. Os ataques, símbolos da barbárie, insinuam para o fato de que as favelas apoiam incondicionalmente os traficantes.

Entretanto, se analisarmos dados oferecidos nos próprios meios de comunicação, ou seja na própria mídia, podemos colocar pelo menos em dúvida essa convivência. Como no caso de um ataque ao asfalto praticado por moradores de uma das favelas do Complexo do Alemão<sup>11</sup>, onde alguns ônibus foram totalmente queimados por moradores<sup>12</sup>. Segundo as fotos exibidas nos jornais e as imagens de várias emissoras de TV no mesmo dia, podemos perceber a participação possivelmente de uma ou duas centenas de pessoas. Número, no mínimo questionável, quando se pretende afirmar uma convivência ou participação da favela como um todo nessas ações. Que convivência é essa onde a maioria da favela fica à parte dos

---

<sup>10</sup> Destacamento de Policiamento Ostensivo – pequenos postos colocados pela Polícia Militar no interior das favelas ocupado por poucos homens.

<sup>11</sup> Complexo do Alemão é a denominação de um conjunto de favelas localizada na Zona Leopoldina abrangendo vários bairros como Olaria, Ramos e Penha

<sup>12</sup> fato ocorrido no dia 29.04.2002



acontecimentos, aliás pelo horário do conflito que ocorreu em um dia de semana e à tarde, deveria estar trabalhando.

## 2. Favela – Ordem para os pobres, progresso para os ricos

Partindo do princípio de que a violência ganha novos espaços, a gestão do tecido urbano se apresenta como um dos grandes problemas da cena contemporânea, pois urge a necessidade de se pensar a favela e a ameaça que a mesma representa, principalmente diante dos efeitos avassaladores do capitalismo como desemprego e falta de moradias. Tal situação vem se agravando principalmente a partir da inversão populacional que se processa desde da segunda metade do século XX, onde as cidades incham sem qualquer possibilidade de uma infra-estrutura. A qualidade de vida passou a ser um tema cada vez mais recorrente e ao mesmo tempo mais distante.

A favela, cada vez mais presente no discurso dos políticos, tem visto suas condições de vida se degradarem dia a dia, projetos superficiais nada mais fazem do que acenar com tratamentos cosméticos sem maior profundidade. Desde o início do século XX, o incômodo da presença das camadas pobres nos limites da cidade têm suscitado medidas diversas por parte do Estado. No início do século o famoso *bota - abaixo* de Pereira Passos interferiu gravemente no espaço urbano da então capital do país, o Rio de Janeiro. A demolição dos cortiços e casebres no centro da cidade impôs duras condições aos seus moradores que foram, assim obrigados, a um deslocamento em direção aos subúrbios da Central e para os morros próximos. Famosa é a demolição de um cortiço na Rua Barão de São Félix<sup>13</sup>, promovido pelo então Prefeito Barata Ribeiro, antecessor e antecipador do próprio Pereira Passos. Com a demolição do referido cortiço, conhecido como o cabeça de porco, parte dos seus moradores foram residir nas áreas próximas, principalmente no Morro da Providência, local onde hoje se encontra uma favela do mesmo nome.

Já na década de sessenta do século XX um novo projeto de intervenção espacial se constrói, agora com o Governador Carlos Lacerda que se encarregou de retirar do perímetro urbano algumas favelas como por exemplo a do Esqueleto, onde se situa hoje a Universidade

---

<sup>13</sup> Para maiores detalhes recomendo a obra Cidade Febril de Sidney Challoub



do Estado do Rio de Janeiro. Novamente as comunidades foram compelidas a ocupar áreas mais distantes. Em um terceiro momento temos o atual projeto Favela –Bairro do prefeito Cesar Maia, que se caracteriza por intervenções nas favelas através de uma política obras no , embora o próprio prefeito tenha promovido algumas remoções de comunidades de pequeno porte em determinadas áreas da cidade.

Guardando a devida proporção entre os três projetos apontados, podemos no entanto pensar que em todos existe a mesma preocupação, ou seja, de como lidar com o espaço ocupado pelas camadas subalternas no interior da cidade. Há uma concorrente preocupação estética em tornar a cidade um espaço mais ordeiro e livre da presença das classes pobres e para alguns, perigosas. Assim, temos nos três projetos se compararmos o projeto atual do favela –bairro com o bota abaixo e as remoções da década de sessenta com Carlos Lacerda a preocupação em manter sob efetivo controle os pobres. O que realmente mudou significativamente foi a escolha dos caminhos em cada momento histórico, pois um relativo amadurecimento da sociedade civil e do fortalecimento do Estado de Direito impedem que as práticas de demolição e remoção, outrora comuns, sejam ainda utilizadas sem uma resistência política..

## 2.1. Da demolição ao piscinão

Que causas teriam confluído na direção da concretização do projeto do Piscinão de Ramos? quais interesses políticos de quem o implementou? Sabemos que temos no Rio de Janeiro um Governador candidato à presidência da República. Por outro lado parece insuficiente explicar tal projeto somente pelos interesses políticos de uma só pessoa ou grupo. Causaria-nos a impressão de que a sociedade se move por individualismos isolados e que se houvesse a boa intenção dos políticos tudo seria uma maravilhoso. Tal percepção nega as contradições de classe que se sobrepõem às ações individuais. A ideologia de uma classe prepondera sobre as vontades individuais, ou seja, não basta que um político seja generoso, se ele contraria os interesses estruturais de sua classe, sua ação torna-se limitada e não relevante. Aliás é muito difícil entender que alguém escape aos limites ideológicos de sua



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

classe.<sup>14</sup> O Piscinão, se atende, aos interesses políticos do Governo Garotinho também responde aos interesses mais precisos da classe dominante hegemônica.

A idéia de um piscinão pode bem traduzir o desejo de classes hegemônicas em conter as classes subalternas em seus respectivos espaços de origem, impedindo que as mesmas ocupem espaços nobres da cidade. O que atenderia de forma direta ao desejo de apartar os desclassificados da cidade ou aqueles que de alguma forma não mereçam participar de todos os seus benefícios. O sol é para todos, a sombra não.

O piscinão como o grande evento midiático do Governo Garotinho também mostrou de forma clara as contradições das áreas pobres e esquecidas pelo poder público, pois várias foram as notícias dando conta da presença de traficantes no local e as imposições dos mesmos aos freqüentadores. Ficou proibido o uso da cor vermelha no piscinão pois a favela local era pertencente ao Terceiro Comando, adversário do Comando Vermelho. Houve notícias também de pessoas que foram assassinadas em outras favelas do Comando Vermelho, por contrariarem a proibição de freqüentar a favela do Terceiro Comando.

Acontecimentos como esse somente apontam na direção de um conceito cada vez mais restrito de cidadania, onde uma lógica econômica perversa empurra os homens de volta a barbárie.

## Últimas considerações

Em nenhum momento se procurou pensar de forma maniqueísta a questão da cidadania das comunidades faveladas, mas pensá-la de forma objetiva no sentido de que a mesma é resultado das relações capitalistas e que não podem ser pensadas fora dessa perspectiva.

Nem atribuímos às comunidades faveladas um papel de total imobilidade diante o cenário que se apresenta, pois vários são os projetos de iniciativa própria das comunidades no sentido de melhorar as condições de vida nesses espaços segregados. Projetos ligados principalmente à áreas educacional e cultural, que procuram também resgatar alguma forma

---

<sup>14</sup> entendendo-se ideologia, segundo Lowy, como estados de consciencia ligadis]]os à açaoa política



de dignidade humana dessas comunidades.

Também de forma alguma pensamos que os projetos de intervenção urbana ora apontados no nosso texto, sejam projetos ligados à alguma percepção de mal defendida pela burguesia, mas acreditamos que existem limites na percepção de mundo burguesa, que levam a distorções na hora de pensar a favela, o tráfico, a violência urbana e outras formas em geral

A burguesia também figura como uma classe, evidentemente hegemônica, mas que entra em confronto com as classes subalternas buscando a manutenção do *status* econômico e político, resultando daí uma visão conservadora e imediatista, incapaz de estabelecer um diálogo mais conciliador com outras classes, pois a própria natureza de competição selvagem que condição do capitalismo impede essa possibilidade.

Assim, o piscinão surge como uma forma sofisticada do processo de hegemonia espacial, econômica e política da burguesia. Não pretendemos afirmar que seja a via mais importante desse processo, nem tampouco a mais abrangente, mas, uma das possibilidades da manifestação hegemônica em favor do controle espacial da burguesia, resultado de um longo processo de modernização conservadora onde o eixo central é o controle das classes subalternas.

O projeto do Piscinão de Ramos não pode ser desvinculado também, de um conceito de segurança e ordem pública do governo estadual. Que implica em um reforço constante da idéia de autoridade. Assim quando a mídia anuncia a presença de viciados e traficantes no recinto e arredores, causa mal-estar e uma reação imediata. Corre-se então para apagar o incêndio. Uma polícia para inglês ver.

Assim mesmo, o piscinão de Ramos, mais do que ser uma ação pontual no âmbito do governo Garotinho, com o objetivo de atender aos anseios das camadas pobres dos subúrbios, deve ser analisado, sob a perspectiva de um projeto político maior e muito consistente, que, dentre outros objetivos, há o de afastar a presença das camadas pobres suburbanas das áreas consideradas nobres. Uma espécie de estética do lugar, uma ação educacional sofisticada que ensina a cada um o seu lugar.

Ainda me lembro da indignação de uma moradora da Barra da Tijuca que não se conformava com os engarrafamentos que se via sujeita devido a presença de moradores



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estranhos à Barra da Tijuca.

De qualquer forma, a indignação da moradora da Barra da Tijuca indica um dos primeiros aspectos que respondem pelo fortalecimento da idéia de um piscinão nos moldes do construído na região, ou seja, a idéia de diminuir a pressão dos moradores de áreas distantes(principalmente pobres) sobre as praia e ruas da Zona Sul e da Barra da Tijuca. Alguns moradores da Barra da Tijuca chegaram a propor a colocação de portões nas entradas do bairro, com o fito de controlar o acesso àquela parte da cidade. Sob o argumento da auto-proteção contra os assaltos, mas em essência, há um profundo sentimento de segregação espacial desses moradores contra os segmentos pobres.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

### **Referências Bibliográficas**

- BARBOSA, Antonio Carlos Rafael, Uma abraço para todos os amigos: Algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, Niterói, EDUFF, 1998.
- BENJAMIN, Cid, Hélio Luz: um xerife da esquerda Rio de Janeiro, Contraponto-Relume Dumará, 1998.
- BERMAN, Marshall, Aventuras do Marxismo: São Paulo: Cia das Letras, 2001
- CHALHOUB, Sidney, Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- COIMBRA, Cecília, Operação Rio: O mito das classes perigosas. Niterói, Oficina do autor, 2001
- LOWY, Michael, As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen. Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2000.
- SODRÉ, M, Sociedade Mídia e violência, mimeo, 2001.